

## PARASITO, PARASITA

Joffre Marcondes de Rezende<sup>1</sup>

Na antiga civilização grega, as principais cidades possuíam um edifício público que se destacava por sua importância e significado, chamado Pritaneu (Πρυτανεῖον). Era o centro cívico e religioso da cidade, onde se mantinha permanentemente aceso o fogo sagrado, dedicado à Héstia, deusa da lareira, símbolo da família e do lar (16). O Pritaneu era o local onde se reuniam os pritanes ou representantes do povo investidos de poderes temporários. Era também o local onde se recebiam os visitantes ilustres e onde tomavam refeições os pensionistas do Estado, os quais eram chamados de parasitos (de παρά, ao lado, junto de + σῖτος) (3, 11).

O substantivo sitos (σῖτος, em grego) remonta aos tempos pré-homéricos; designava inicialmente o trigo e outros grãos utilizados na alimentação. Por extensão semântica, passou a expressar alimento de modo geral e com ele se formaram numerosos compostos na língua grega, alguns dos quais encontram equivalentes nas línguas modernas. Contando somente os compostos em que σῖτος entra como segundo elemento, Chantraine lista 25 vocábulos, dentre os quais παρά-σῖτος (5).

De σῖτος deriva o elemento de composição *sito* que entra na formação de vários termos técnico-científicos da linguagem moderna, tais como sitofobia, sitomania, sitotropismo, sitotoxina, sitologia, sitoterapia (9). Também se emprega na formação de tais palavras a variante *sitio*, já existente em grego (σιτίον), em lugar de *sito*, o que representa uma duplicidade desnecessária (19).

Os parasitos do Pritaneu eram cidadãos bem considerados e o termo παρά-σῖτος não tinha o sentido pejorativo atual (7), o qual foi introduzido pelos comediógrafos gregos e latinos, passando a caracterizar a figura do papa-jantares, aquele que vive às expensas de outrem (19). O termo foi

---

<sup>1</sup> Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás.

Endereço para correspondência: Rua Delenda Rezende de Melo esq. com 1ª Avenida, Setor Universitário. Caixa Postal 131, CEP 74605-050, Goiânia, GO.

Recebido para publicação em 03/02/99.

transliterado para o latim como *parasītus*. i, com o sentido de comensal. Ernout & Meillet, em seu *Dictionnaire étymologique de la langue latine* assim definem *parasītus*: “*Mot de la comédie, emprunté au gr. parasitos; latinisé*” (12). A literatura clássica latina registra uma comédia de Plauto, da qual restaram apenas fragmentos, com o título de *Parasitus medicus* (19).

A forma *parasīta*, no gênero feminino, foi primeiramente empregada por Horácio, no século I a.C. (sátira 1: 2, v. 98), referindo-se à mulher parasita (14), e por Plínio, no século I d.C., em alusão a uma espécie de coruja, “que em latim chamam de *axio* e que imita e parasita outras aves” – “*Latine axionem vocant, imitatrix alias avis ac parasīta*” (25). Entende-se como parasitismo nesta passagem a apropriação do alimento obtido por outras aves e não propriamente o parasitismo no sentido biológico.

O vocábulo *parasītus*, transposto do latim para as línguas românicas e para outras línguas de cultura, sofreu as adaptações morfológicas adequadas a cada um desses idiomas. Temos, assim, *parasite*, em francês; *parásito*, em espanhol; *parassito* (ou *parassita*), em italiano; *parasite*, em inglês, e *parasit*, em alemão. Em português, tal como em italiano, convivem duas formas: *parasito* e *parasita*.

Moraes (1813) (20) registra *parasito* como substantivo e *parasítico*, como adjetivo. Outros lexicólogos do século passado – Constâncio (1845) (6), Faria (1856) (13), Lacerda (1874) (17) – averbam *parasito* como substantivo masculino e *parasita* como adjetivo feminino. Vieira (1872) (28) admite as duas formas, tanto como substantivo como na função adjetiva.

A introdução do termo *parasito* em linguagem científica é relativamente recente, datando da primeira metade do século XVIII (20). Usado inicialmente para caracterizar as plantas que vivem às custas da seiva de outro vegetal de maior porte, foi a seguir aplicado também aos animais que se nutrem por intermédio de outro animal, dito hospedeiro, que os alberga, ou internamente (endoparasitos), ou externamente (ectoparasitos).

Nesta acepção biológica, encontra-se na literatura médica brasileira, desde o século passado, tanto a forma *parasito* como *parasita*.

Na primeira edição do dicionário de Langgaard (1865) já há referência a “parasitas animaes e vegetaes, que produzem ou acompanham certas moléstias no homem e nos animaes” (18).

Em artigo publicado na *Gazeta Médica da Bahia*, em 1870, o autor refere-se a “cogumelos parasitas” (10).

Afrânio Peixoto, em seu tratado de higiene faz menção aos “parasitas do solo” (23).

Talvez a repetida referência a plantas parasitas poderia ter influenciado a incorporação ao léxico de *parasita* como substantivo do gênero masculino. Outra explicação, endossada por A. G. Cunha (8), é a de que a forma *parasita* seja resultante da tradução do francês *parasite*.

Ramiz Galvão chama a atenção para a impropriedade da forma *parasita*, “que o étimo não abona e que o uso quer introduzir” (15).

Plácido Barbosa considera *parasito* a forma correta e diz que *parasita* deve ser tomado como feminino de *parasito* (4).

Mendes de Almeida diz que “não obstante ser corrente a *parasita* não pode justificar-se nem a forma nem o gênero, senão pelo desconhecimento do étimo” (2).

Os léxicos especializados em termos médicos, em sua maioria, averbam unicamente *parasito* (22, 24, 27).

Os dicionários contemporâneos não especializados, porém, são mais tolerantes com a forma *parasita*, que vem ganhando terreno, considerando-a como variante de *parasito*.

O *Vocabulário Ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras, não só admite as duas formas como os dois gêneros para a forma *parasita* (1).

Deve ter contribuído para a maior difusão da forma *o parasita* na linguagem médica a sua adoção em obras que marcaram época na medicina brasileira, como a *Parasitologia Médica*, do Prof. Samuel Pessoa, adotada em praticamente todas as faculdades de medicina do País, alcançando 11 edições entre 1945 e 1982.

Em publicações médicas têm sido empregadas como substantivo do gênero masculino, indistintamente, as duas formas: *parasito* e *parasita*, como documenta o Prof. Luis Eduardo Quintas em carta ao editor dirigida à *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* (26), na qual defende a forma *parasito*.

Buscando dados quantitativos sobre o uso de uma ou outra forma por autores brasileiros, procedemos a um levantamento da bibliografia médica latino-americana de parasitologia indexada pela BIREME nos últimos 15 anos (1983-1998). Em 50 trabalhos escritos em português, sete usaram, no título, a palavra *parasito*, no singular; 19, *parasitos*, no plural; cinco, *parasita*, no singular; e 19, *parasitas*, no plural, o que equivale praticamente a 50% para cada uma das formas em uso.

Levando-se em conta a etimologia e a evolução histórica da palavra, parece óbvio que deve prevalecer como substantivo masculino apenas a forma *o parasito*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch Ed., 1981.
2. Almeida, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*, São Paulo, Ed. Caminho Suave Ltda., 1981.
3. Bally, A. *Dictionnaire grec-français*, 16. ed. Paris, Lib. Hachette, 1950.
4. Barbosa, P. *Dicionário de terminologia médica portuguesa*, Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1917.

5. Chantraine, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris, Ed. Klincksieck, 1984.
6. Constandio, F.S. *Novo dicionario critico e etimologico da lingua portugueza*, 3.ed. Paris, Angelo Francisco Carneiro, 1845.
7. Coulanges, F. *A cidade antiga*, v. I, p. 272. Apud PINTO, P. A. *Estudinhos de etimologias*. Rio de Janeiro, Tipografia Carmo, s.d., p. 129.
8. Cunha, A.G. *Dicionário etimológico*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
9. Dorland's Illustrated Medical Dictionary. 28.ed. Philadelphia, W. B. Saunders Co., 1994.
10. Dranert, F.H. Cogumelos parasitas e a sua influência nociva, sobre outros organismos; com algumas observações fitofisiológicas explicativas e necessárias. *Gaz. méd. Bahia*, 4: 150-151, 1870.
11. Encyclopaedia Britannica. Chicago, 1961.
12. Ernout, A. & Meillet, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. 4.ed. Paris, Ed. Klincksieck, 1979.
13. Faria, E. *Novo dicionario da lingua portugueza*, 2. ed. Lisboa, Typographia Lisbonense de José Carlos d'Aguiar Vianna, 1856.
14. Gafiot, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris, Lib. Hachette, 1934.
15. Galvão, F.R. *Vocabulario etymologico, orthographico e prosodico das palavras portuguesas derivadas da lingua grega*. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1909.
16. Harvey, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina* (trad.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
17. Lacerda, J.M.A.A.C. Dicionário enciclopédico ou Novo dicionário da língua portuguesa. Lisboa, F. Arthur da Silva, 1874.
18. Langgaard, T.J.H. *Diccionario de medicina domestica e popular*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1865.
19. Marcovecchio, Enrico. *Dizionario etimologico storico dei termini medici*. Firenze, Ed. Festina Lente, 1993.
20. Moraes Silva, A. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa, Typographia Lacérdina, 1813.
21. Oxford English Dictionary (Shorter) 3.ed., 1978.
22. Paciornik, R. *Dicionário médico*, 2.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1975.
23. Peixoto, A. *Higiene*. 3.ed., v. I. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1922, p.35.
24. Pinto, P.A. *Dicionário de termos médicos*. 8. ed. Rio de Janeiro, Ed. Científica, 1962.
25. Plinius, G. *Naturalis Historia*. Liber X, 68. The Loeb Classical Library. Cambridge. Harvard University Press, 1983, p. 336.
26. Quintas, L.E.M. É o *Trypanosoma cruzi* um parasito? *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*30: 163-164, 1997.
27. Serravalle, A. *Vocabulário de parasitologia médica*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA., 1987.
28. Vieira, Frei Domingos. *Grande dicionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Porto, 1871-1874.